

**SER MÃE É UMA CONCEPÇÃO DIVINA?  
REPRESENTAÇÕES DE DEVERES MATERNALISTAS COM  
A EDUCAÇÃO FÍSICA NAS REVISTAS “JORNAL DAS  
MOÇAS” E “O CRUZEIRO” (DÉCADAS DE 1930 A 1950)**

**IS BEING MOTHER A DIVINE CONCEPTION?  
REPRESENTATIONS OF MATERNALIST DUTIES WITH  
THE PHYSICAL EDUCATION IN “JORNAL DAS MOÇAS”  
AND “O CRUZEIRO” MAGAZINES (1930 TO 1950)**

SILVA, Carolina Fernandes da\*

BORBA, Bruna Letícia de\*\*

VICENZI, Liziane Nathália\*\*\*

**Resumo:** Este artigo buscou identificar quais as representações dos deveres maternalistas com a educação física nas revistas femininas *Jornal das Moças* e *O Cruzeiro* no período de 1930 a 1950. A metodologia consistiu em uma busca por essas representações por meio do paradigma indiciário e a análise documental de reportagens. A análise revelou que as principais representações dos deveres com a educação física foram relacionados a si mesma e aos filhos, a saber: educadora do corpo. Além disso, identificou-se que os periódicos jornalísticos reforçaram a função das mães como extensão do espaço escolar para a educação dos corpos dos filhos, baseados em preceitos da disciplina de educação física. O “ser mãe” era considerado uma concepção divina e dever social com o propósito de criar bons cidadãos para a pátria.

**Palavras-chaves:** Mães, Representação, Revista Feminina, *Jornal das Moças*, *O Cruzeiro*.

**Abstract:** This article sought to identify the representations of maternalist duties with physical education in the women's magazines *Jornal das Moças* and *O Cruzeiro* from 1930 to 1950. The methodology consisted in the search for these representations through the evidential paradigm and documentary analysis of reports. The analysis revealed that the main representations of duties

---

\* Pós-doutora em Ciências do Movimento Humano, no PPGCMH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Filiada à Universidade Federal de Santa Catarina como professora e Líder do Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina CDS/UFSC, Florianópolis, SC. E-mail: carolina.f.s@ufsc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0026-1318>.

\*\* Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Santa Catarina e ao núcleo de estudos Sôma - Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina CDS/UFSC, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: brunabufsc@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6679-1974>.

\*\*\* Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Jornalismo pelo PPGJOR-UFSC. Jornalista formada pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Integrante do Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (Sôma - CDS/UFSC). E-mail: lizivicenzi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1578-8369>.

with physical education were related to her and her children, namely the body educator. In addition, it was identified that the journalistic periodicals reinforced the role of mothers as an extension of the school space for the education of their children's bodies, based on the precepts of the discipline of physical education. Being a mother" was considered a divine conception and a social duty with the purpose of forming good citizens for the country.

**Keywords:** Mothers, Representation, Women's Magazines, *Jornal das Moças*, *O Cruzeiro*.

### *Introdução*

A construção do esforço empreendido na definição do que é “ser feminina” aparece em diferentes espaços e tempos, em diferentes aspectos socioculturais, e historicamente, sob diferentes formas, estratégias e discursos. Acerca do papel da história e do jornalismo na reprodução ou transformações de representações sociais é pertinente destacar que as revistas femininas podem ser consideradas instrumentos de construção social (MOLOTCH; LESTERS, 2016).

O conceito ainda é tema de discussões na atualidade e analisar o passado nos permite vislumbrar o presente com um olhar mais rigoroso e atento. Os periódicos ajudam a compreender como a sociedade em determinada época construía estes conceitos e estabelecia as estruturas dos deveres sociais das mulheres daquele período. Segundo Pinsky (2014), no século XX, entre os anos 1930 a 1950, as revistas femininas eram consideradas fontes importantes de informação para as mulheres brasileiras. Esses arquivos históricos tinham como público-alvo as mulheres<sup>1</sup>, conteúdo marcado pelo contexto histórico, e eram capazes de formar gostos, opiniões, padrões de consumo e discursos de conduta. Sendo assim, revelavam em suas reportagens, mudanças e permanências nas relações familiares e nos papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade.

Dentre estas representações de funções sociais, as revistas femininas sugeriam como o corpo deveria ser coberto e descoberto, educado e higienizado, como uma maneira de produzir identidades e representações das mulheres ao longo do tempo. Em relação a esta educação do corpo citada, um dos meios utilizados era a prática através da educação física, que diferenciava movimentos para homens, mulheres e crianças.

Em uma análise, foi possível identificar que o discurso apresentado pelas revistas femininas, quando relacionado à educação física, era direcionado prioritariamente às mães. Portanto, neste caminho, o artigo aqui proposto tem como objetivo geral identificar quais as representações dos deveres maternalistas com a educação física nas revistas femininas *Jornal das Moças* (JM)<sup>2</sup> e *O Cruzeiro* no período de 1930 a 1950.

Como bem avaliaram Soihet e Pedro (2007, p. 286), “tornam-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade que perduram por tão longo tempo quanto ao passado feminino”. Logo, o uso do gênero como instrumento analítico possibilita a percepção da ordem cultural como modeladora do que representa os signos identitários dos conceitos de feminino e do masculino (MUNIZ, 2018). Em vista disso, compreendemos que os conceitos de feminino e feminilidade irão emergir das fontes, tal qual as representações que compõem a maternidade.

Este artigo está estruturado nos seguintes capítulos: O primeiro desenvolvemos a apresentação dos Procedimentos metodológicos. Em seguida, nos debruçamos em compreender como se construiu O jornalismo das revistas femininas JM e O Cruzeiro. Por fim, finalizamos a discussão com o capítulo “Falando às mães”: os deveres maternalistas nas revistas femininas, que discute as representações presentes nas reportagens das revistas femininas JM e O Cruzeiro. Bem como, as Considerações finais deste estudo.

### *Procedimentos metodológicos*

Para a realização deste estudo utilizou-se o referencial teórico-metodológico da História Cultural. De acordo com Chartier (2000, p. 16–17), a História Cultural, “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. O pesquisador desta teoria busca por vestígios da produção destes sentidos e significados construídos pela cultura humana, observando suas escritas e reescritas do passado através destes documentos de narrativas produzidas em outro tempo histórico. Dessa forma, esta teoria tem como proposta decifrar a verossimilhança de um passado através de suas representações, da construção do real e da multiplicidade de discursos.

Segundo Pesavento (2008), o conceito de representação é compreendido pela História Cultural enquanto uma categoria de análise que busca decifrar a realidade do passado através de indícios históricos. Deste modo, as representações que chegam até o presente, resgatam os sentidos conferidos ao mundo e manifestados pelos homens e mulheres no passado, buscando traduzir a história e o mundo através da cultura, que podem ser expressas por meio de normas, imagens, discursos, ritos, construídos historicamente. Estes não são a cópia do real, mas uma construção feita a partir dele.

Em vista disso, toma-se como instrumento teórico-metodológico a análise das fontes documentais a partir do pressuposto de que nenhum documento é neutro, visto que sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu (PIMENTEL, 2001; BACELLAR, 2008). O procedimento para coleta das fontes nas revistas *JM* e *O Cruzeiro* compreendeu a divisão das reportagens em pastas separadas por décadas (1930-1960). Os arquivos de ambas as revistas foram encontrados no Acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, no qual o período pesquisado foi entre as décadas de 1930 a 1960, a partir do termo “educação física”.

A definição do recorte temporal ocorreu por estes terem sido os anos de maior distribuição das duas revistas e também de maior alcance de suas publicações. Já a escolha pelo termo “educação física” para a busca das fontes, se deu em razão deste ser um campo de intervenção e educação do corpo, o qual historicamente gera representações de gênero a partir de suas práticas (PINSKY, 2014; SERPA, 2017). Dentre os temas que atravessam este estudo, temos as questões de gênero, que neste caso, perpassa pela compreensão dos papéis e simbolismos dos conceitos de masculinidades e feminilidades que estão presentes nas revistas. Porém, estes mesmos simbolismos que irão emergir das fontes só serão aprofundados caso estes elementos contribuam para respondermos nosso problema de pesquisa, uma vez que, segundo Scott (1995), o termo “gênero” pode ser uma forma de indicar as construções culturais das identidades sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

Para a realização da pesquisa, apropriamo-nos também dos escritos sobre paradigma indiciário. Neste método, o pesquisador é comparado a um detetive, pois busca minuciosamente os detalhes. Observa e interpreta além do que está em primeiro plano. Assim, alguns questionamentos foram levantados sobre as fontes utilizadas na pesquisa, tais como em quais condições e em qual contexto determinado documento foi redigido, por quem, para quem e como se construiu historicamente (GINZBURG, 1989).

### *O jornalismo das revistas femininas *Jornal das Moças* e *O Cruzeiro**

Dentre os conceitos jornalísticos, segundo Almeida (2008), é o conteúdo que difere o que é jornal e o que é revista. O jornal, normalmente, vincula textos de opinião, discussões de temas polêmicos e notícias. Já a revista traz um conteúdo mais variado, geralmente em matérias de entretenimento. Durante um longo período, as duas

publicações confundiram-se, como no caso do JM, que se denomina jornal, mas seu conteúdo é predominantemente de revista.

Além disto, Barros (2019) salienta que havia a necessidade de se garantir um baixo custo para o consumidor, o que terminou por condicionar também materialidade dos exemplares impressos do período de criação da revista JM (1914), no caso, através do amplo predomínio da utilização de um tipo de papel reciclável que ficou conhecido como "papel-imprensa". Somente em 1934 que se insere o uso de cores em algumas páginas, como na capa da revista e nos suplementos do JM (MACHADO, 2018). Assim, para este estudo, optamos por denominar e definir a "revista" JM como um meio de comunicação impresso que dedica suas publicações para as mulheres.

O JM teve início em 1914 e se manteve no mercado até 1965. O seu ápice foi o período compreendido entre os anos de 1945 e 1950, quando conquistou o primeiro lugar entre as revistas femininas semanais, respectivamente (PINSKY, 2014). Semanalmente a revista era publicada no Rio de Janeiro e distribuída em todo o Brasil, incluindo as capitais e diversas cidades de vários estados (FREITAS et. al, 2019).

Já a revista *O Cruzeiro* se destacava na década de 1950 no Brasil, como um dos meios de comunicação mais importantes da época. Esteve em primeiro lugar entre as revistas no IBOPE durante 1950, presente nos lares de classe média urbana e lida por toda a família, reproduzindo e construindo valores (BASSANEZI; URSINI, 1995, p. 243).

Por trás do colorido, dos belos traços desenhados pelos melhores ilustradores e artistas plásticos do país, nasceu a revista *O Cruzeiro*. Com uma carga de símbolos e significados, não apenas do imaginário feminino do período, mas de toda uma época, desde a sua primeira edição a mesma era caracterizada por capas com belas figuras de mulheres. Durante o decorrer das décadas, priorizou em suas páginas a beleza e o glamour feminino em detrimento de um conteúdo mais informativo e interpretativo sobre a realidade do período (SERPA, 2003).

A revista integrava o conglomerado de comunicação de Assis Chateaubriand (Chatô), um dos expoentes do jornalismo brasileiro na época. Com uma proposta ousada e diferenciada, *O Cruzeiro* buscava expressar modernidade, enaltecer a beleza feminina e o consumo. As páginas coloridas indicavam às mulheres padrões de comportamentos atrelados à moda, roupas, eletrodomésticos, maquiagens, cinema, concursos de beleza e amenidades sociais. A proposta ainda pretendia promover uma ideia de nação

hegemônica que conseguiu alcançar aproximadamente quatro milhões de leitores (SERPA, 2003).

Com o objetivo de enaltecer as mulheres de camadas sociais mais elevadas e o universo feminino de forma glamourosa, bem como reforçar padrões já estipulados, em 1930, a revista lançou o primeiro concurso de beleza e promoveu a cobertura da eleição para “Miss Universo 1930”, no Rio de Janeiro e alcançou uma tiragem de 80 mil exemplares (SERPA, 2003).

As publicações das revistas eram destinadas a moças de uma classe economicamente privilegiada da sociedade brasileira daquele período. Ainda trazendo elementos do contexto brasileiro para compreendermos o público-alvo, é importante salientarmos o preço de venda da revista *Jornal das Moças*, que por sua vez, variou muito ao longo da sua existência<sup>3</sup>. Destaca-se também, que as mulheres negras e/ou de baixa renda já estavam inseridas no mercado de trabalho, e que, as mulheres dos segmentos médios – público da revista - passaram a buscá-lo em razão da necessidade financeira da família e da modernidade que, com o advento da industrialização, passaram a consumir produtos nos mercados (SOIHERT, 2018).

Por outro lado, mulheres empobrecidas, consideradas a princípio “naturalmente” saudáveis e talhadas para o trabalho braçal e para as longas jornadas, eram construídas como ameaça à saúde pública enquanto constituíam as principais vítimas do escasso repouso e nutrição, de doenças infectocontagiosas e de complicações do parto (SANTOS, 2020).

Desde seu surgimento, no fim do século XIX, as revistas femininas se propunham a aproximar suas leitoras de um novo mundo de modernidades e de novas rupturas sociais. Se surgem novas percepções de mundo, logo, surgem também, novas representações de saúde do corpo das mulheres. Pois, “A história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, [...] criando os seus próprios padrões” (BARBOSA, et al. 2011, p.24).

A fim de compreendermos as estruturas, os elementos, as razões em que as revistas foram construídas acreditamos que é preciso trazer também para a margem o que a própria revista nos conta sobre a sua trajetória e buscarmos pelo corpo editorial das mesmas, a fim de compreendermos quem as escreve e o contexto por trás destes meios de comunicação que possuem as mulheres como público alvo.

Em relação à revista JM, ainda nas primeiras edições não é declarado o corpo editorial, mas nas edições dos anos seguintes, a revista nos revela a primeira aparição do

F.A Pereira como Diretor-Proprietário, em 15 agosto, na trigésima primeira edição da revista (EXPEDIENTE, 15.8.1915, p.1). A partir da década de 1950, a nova fase da revista JM traz a direção de Álvaro Menezes marcada pela relação das dicotomias daquele período, em que, acordo com os registros editoriais, era intitulada como a “revista da mulher no lar e na sociedade” (SPAVIÈR, 7/01/1960, p.14).

Não muito distante, a revista *O Cruzeiro* foi lançada pelo jornalista português Carlos los Malheiro Dias, e como já citado anteriormente, foi comprada pelo empresário Assis Chateaubriand, uma personalidade de grande importância no Brasil naquele período (DOS SANTOS, 2013). Desta forma, caracteriza-se que, em ambas revistas, homens eram proprietários e possuíam cargos de direção editorial. Ao deter o poder de gerenciar as revistas, evidencia-se a influência discursiva que esses profissionais da saúde exerciam na sociedade, especialmente a este público-alvo, as mulheres.

Ou seja, as páginas produziam e reproduziam simbologias e elementos socioculturais do universo das feminilidades daquele tempo, apostando no discurso de que possuía a essência de ser uma revista companheira e amiga de suas leitoras, a qual as auxiliava em suas dúvidas e construía aos poucos, uma relação de confiança.

Entre as décadas de 1930 e 1950 também foram registradas expressivas mudanças político-sociais: as mulheres passaram a ser consideradas cidadãs, ter direito ao voto e serem votadas e tiveram direitos trabalhistas regularizados via CLT por volta de 1932. Na primeira metade do século XX, além do direito ao voto, a mulher conquistou lugares fora do espaço privado a que vivia circunscrita, como a conquista profissional das mulheres de alta classe brasileira (ALMEIDA; LEÃO, 2008). A partir disso, ocorreram mudanças na interpretação do que seriam consideradas as funções das mulheres na sociedade, que iniciaram a inclusão no mercado de trabalho e dividiam a carga horária entre o cuidado do lar e o emprego. O período também foi marcado pela expansão da produção e do consumo de revistas ilustradas, consolidando esse gênero de periódico como suporte para proposição de novos comportamentos.

No período estudado, destaca-se o desenvolvimento industrial, um maior comprometimento do Estado com as Forças Armadas e uma polarização de classes. O *Cruzeiro* buscava representar uma mulher moderna, mas de uma camada social do mundo artístico, esposas de políticos e de donos da indústria. A intenção era abordar a rotina dessas mulheres que consumiam cosméticos e se vestiam conforme a moda parisiense e americana (SERPA, 2003).

Segundo Oliveira e Silveira (2016), desde o império, as mulheres tiveram presença assídua no contexto dos impressos, mas vale ressaltar que neste período, poucas eram as mulheres que possuíam acesso a uma educação formalizada. Neste período, segundo uma pesquisa feita pelo Censo Demográfico em 10 de março de 1951, 52% da população ainda era analfabeta, ou seja, poucas eram as mulheres que tinham acesso à leitura das revistas daquele período no Brasil (BATISTA, 2019). O perfil destas leitoras, em sua maioria era composto por moças e senhoras pertencentes à elite nacional, vista como suas consumidoras em potencial, responsáveis pela expansão da prática da leitura, inspiradas por países desenvolvidos. Segundo Batista (2019), entre 1959 e 1960, uma coluna chamada “Um broto por semana” foi publicada na revista JM, buscando traçar o perfil das entrevistadas. A revista compreendia que o “broto” era uma moça solteira, com idade variando entre 15 e 20 anos, frequentadora de um clube e participante dos concursos de beleza nele promovidos, que podia estar estudando ou trabalhando, caracterizando assim, um dos perfis de leitoras que a revista visava atingir.

Sendo assim, nesta época construía-se uma nova relação social para as mulheres, elas tornam-se leitoras e era nas revistas que encontravam uma de suas maiores fontes de lazer. Nestas décadas, nas quais a televisão estava começando a chegar aos lares brasileiros, os cinemas ainda eram precários, ler torna-se um novo espaço a ser descoberto como uma prática corporal prazerosa (MIGUEL, 2009). Podemos concluir por fim, que durante o período de publicações da revista, as leitoras que tinham acesso ao meio impresso possuíam uma classe economicamente privilegiada da sociedade brasileira daquele período.

Ao servir às funções de lazer, instrução pedagógica e material informacional, as revistas femininas impulsionaram a formação intelectual de inúmeras mulheres, bem como sua inserção no mundo das letras. Ou seja, as mulheres se tornavam cada vez mais assinantes de revistas femininas, pois os periódicos supriam tanto à função pedagógica quanto à de lazer em seus espaços domésticos. Foi, pois, nesses espaços de intimidade e sociabilidade que as revistas como, *o JM* e *O Cruzeiro*, alcançaram sua fama e se popularizaram (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2016; SILVEIRA; VAZ, 2015; FREITAS et. al, 2019).

Acerca do papel do jornalismo na reprodução ou transformações de representações sociais é pertinente destacar que as revistas femininas do estudo podem ser consideradas instrumentos de construção social. Todos os indivíduos são produtores de informações a partir dos modos como vêm e relatam aquilo que crêem ser o mundo

(MOLOTCH; LESTERS, 2016). A imprensa feminina particulariza-se por dirigir-se para o público feminino, ainda que nem sempre tenha sido produzida por mulheres, volta-se para grupos de mulheres que possuem práticas, hábitos e costumes em comum. Trata-se de um tipo de produção jornalística que orbita em torno de temas mais contínuos (LUCA, 2016).

A leitura de revistas por mulheres entre 1930 e 1950 era entendida também como uma prática de entretenimento, sendo assim, nesta época construía-se uma nova relação social para as mulheres, elas tornavam-se leitoras e, nas revistas, encontravam uma de suas maiores fontes de lazer. Nestas décadas, ler tornou-se um novo espaço a ser descoberto como uma prática corporal prazerosa, pois a televisão estava começando a chegar aos lares brasileiros e os cinemas ainda eram precários (MIGUEL, 2009).

Segundo Freire (2008), foram apropriados da França tais práticas. Para o mesmo autor, “[...] entre outros costumes ‘importados’ de Paris, o hábito de ler revistas tornou-se uma ‘coqueluche’ entre as famílias das classes mais elevadas dos centros brasileiros” (FREIRE, 2008, p. 156-157), mostrando-se sintonizado com a ideia de modernidade, progresso e civilidade.

Este período também trouxe mudanças expressivas para as mulheres, o que levou as revistas femininas a tomarem um perfil de “prefiguração de modelos femininos, reiterando a tradicional postura de rainha do lar, [...] em que se projetou a mulher emancipada, educadora, esportista, saudável, moderna” (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2016, p.52). Para tanto, a imprensa feminina aliou discursos, manteve tradições socioculturais e inseriu novas atribuições em suas reportagens, ou seja, apesar destas conquistas, não poderiam negar a responsabilidade esperada pela sociedade. A de cuidar da família e do lar, pois isso traria uma mudança na estrutura social. O discurso maternalista brasileiro mostrava-se claramente inspirado no modelo francês de sociabilidade e civilização (FREIRE, 2008). Esse modelo defendia a maternidade como a principal função das mulheres, o qual ainda se fazia hegemônico nas primeiras décadas do século XX.

Diversos assuntos eram tratados nestas revistas, principalmente os relacionados com as atividades atribuídas às mulheres, em meio a estes, além da função de serem mães, as mulheres possuíam também a função de responsáveis pela educação de seu próprio corpo e educadora do corpo do filho. Para tanto, tinham nos princípios da disciplina de educação física um caminho a ser seguido. Segundo Freire (2008), após a Primeira Guerra Mundial o mundo ocidental alcançou um renovado impulso, gerando ações

diferenciadas em cada sociedade. No caso do maternalismo, sua associação à valorização social da ciência se fortaleceu, conferindo-lhe um novo caráter.

No Brasil, esse fenômeno apresentou associações com especificidades do cenário econômico, político e social e, em particular, ressoou no projeto modernizador republicano, o qual depositou nas crianças a esperança da nação. Para Freire (2008, p. 154), “tal concepção fundamentou uma convergência identitária entre saúde, educação e nação, e uniu a intelectualidade urbana na elaboração de ampla proposta reformadora que tinha na higiene seu eixo central”.

No que se refere a este mesmo projeto de Nação, quando o discurso era direcionado às mulheres, utilizava-se da educação física e do caráter eugênico-higienista do início do século XX, que tinham como base as teorias das ciências médicas e biológicas nas quais o corpo das mulheres aparece como determinante de suas construções sociais referentes à maternidade e feminilidade. Sendo assim, estabelecia culturalmente a compreensão da maternidade como a mais importante missão das mulheres deste período (RUBIO, 2010; CAMARGO, 2010).

Almejava-se aumentar não só as condições individuais de saúde, mas do índice nacional brasileiro, sendo os preceitos higiênicos o meio para também aperfeiçoar eugenicamente as novas gerações através de cuidados especiais ministrados às futuras mães e aos recém-nascidos (SILVA, 2011). As mães fortes são as que fazem os povos fortes. É de toda necessidade a educação física das meninas para desenvolver o santuário da maternidade (REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1944, p.41).

Em vista disso, nos dois primeiros terços do século XX se construiu fortemente a convicção de que a educação era uma ferramenta transformadora de consciências. Desta forma, sendo voltada para um simbolismo das atribuições dadas às mulheres e baseando-se no potencial de redenção pela pureza e amor, a educação deveria fortalecer a atuação das mulheres como professoras na educação escolar.

Segundo Pedro (2011), é crescente o número de pessoas que incorporam em suas análises as diferenças de gênero para observar os impactos dos acontecimentos sobre homens e mulheres, nos quais as categorias “mulher”, “mulheres” e “relações de gênero” têm sido formuladas, divulgadas e apropriadas em diferentes locais, direção que iremos tomar com o presente estudo.

Esta relação entre imprensa feminina e as mulheres implica questões mais abrangentes, como por exemplo, como através de uma educação do corpo, a qual gerou representações das funções sociais das mulheres em determinado período, tendo a

imprensa como uma das formas de disseminação de representações sociais (FREITAS et al, 2019; MOSCOVICI, 2015).

*“Falando às mães” : os deveres maternalistas nas revistas femininas*

Quando pesquisadas as palavras “educação física”, levantou-se o total de 48 reportagens em ambas as revistas, nas quais as seções destinadas às mães possuíram o maior número de aparições (32), o que determinou a definição como local de extração de informações para a pesquisa e o caminho de análise para as representações dos papéis sociais das mulheres neste período.

Na revista *JM*, a maioria das reportagens se apresentavam nas seções fixas, e entre elas, o “Evangelho das mães” e “Falando às Mães”. Já a revista *O Cruzeiro*, a seção fixa “Lar doce Lar” que era destinada também às mães, e tinha como objetivo auxiliá-las e sanar suas dúvidas sobre puericultura. Em vista deste primeiro resultado através das buscas, identificados que, a maternidade era uma representação importante dos aspectos das representações do “ser mulher” neste período.

Segundo o conceito representado pela própria revista *JM*, a educação física deve ter duas grandes finalidades: “[...] 1º - saúde; 2º - o aperfeiçoamento das qualidades morais e sociais” (EVANGELHO, 1959, p.20). O que pode ser explicado pelas reformas e programas educacionais que estavam vinculados ao projeto de Nação no Brasil durante o século XX e o movimento Higienista. A Educação Física foi um dos principais objetos de poder das instituições médicas durante os séculos XIX e XX. A educação dos corpos se deu através da valorização das práticas de atividades físicas pela educação médica (MILAGRES et al 2018).

Além disso, estes mesmos movimentos ajudavam a construir culturalmente os estereótipos do gênero feminino, pois eram reforçados pelas linhas teóricas, juntamente com programas criados pelo positivismo, que às mulheres eram atribuídas as responsabilidades do cuidado dos maridos operários, dos filhos e do lar (SOARES, 1994). O projeto nacional regido pelo presidente Getúlio Vargas, tinha a mulher como elemento essencial e central para o aprimoramento do povo brasileiro. Desta maneira, nota-se a construção de todo um ideário de educação das mulheres, possuindo o incentivo da imprensa midiática durante o período do Estado Novo (1937 - 1945) (DEVIDE, 2007).

Nesta direção, foi observado nas revistas analisadas um modelo de representação baseado na maternidade como a principal função das mulheres, uma vez que o maior

número de aparições do termo “educação física” nas fontes estarem em seções destinadas a mulheres que exercem a maternidade. Em vista disso, as revistas femininas configuraram-se “[...]como veículo ideal para a difusão da nova cultura, simultaneamente refletindo e moldando o novo papel feminino de mãe” (FREIRE, 2008, p. 154).

Em uma reportagem da seção Lar Doce Lar da revista *O Cruzeiro*, é possível identificar vestígios de como eram elaborados e determinavam o que competia às mães em relação ao mundo psicológico das crianças:

O mundo psicológico da criança, tão mais complexo do que parece, merece de sua parte a mesma atenção e o mesmo cuidado que você dispensa à sua educação física. A mãe compete guiar o guri desde o início, [...] E, para isso, o melhor guia ainda é o coração (SANGIRARDI, 1944, p.12).

Nesse mesmo período houve uma grande repercussão da psicologia do desenvolvimento no processo de escolarização. Ao que se refere à infância, essa abordagem trouxe contribuições para essa “convicção” de mãe-pedagoga, ao incluir características e sentimentos considerados naturais, como o amor e a dedicação para as mulheres em geral, e a responsabilidade para as mães aos chamados problemas evolutivos no desenvolvimento infantil (ALMEIDA, 2008; KLEIN, 2005).

Vestígios deste discurso também foram localizados numa reportagem do *JM*, na qual se aconselha a prática “ativa e cuidadosa” às crianças que apresentassem predisposição a doenças. O título da reportagem era “As mães de família não devem esquecer” e reiterava-se que “as crianças que se irritam a miúde requerem um tratamento especial, [...] necessitavam uma educação física ativa e cuidadosa” (AS MÃES DE FAMÍLIA NÃO DEVEM ESQUECER, 1943, p.17).

É importante destacar que as reportagens que se referiam às mães eram assinadas principalmente por médicos, obtendo um espaço privilegiado de fala, sobretudo na revista *JM*, que possuía em seu quadro de colaboradores dois médicos. O capitão doutor José Ezagui, militar e médico, publicava artigos com temas variados determinados como do “universo feminino” do período, como: análise de moda, saúde, práticas corporais ideais para moças, relacionamentos, entre outros. E o doutor Werther Leite Ribeiro, segundo o discurso da própria revista, um dos melhores pediatras do Brasil, possuía uma seção fixa “Falando às Mães” a partir da década de 1950 (FALANDO ÀS MÃES, 1951, p.13).

Esses profissionais da saúde, homens, detinham o poder de legitimar esses discursos por meio da presença da ciência e do saber médico como legitimadores de uma

pedagogia corporal do feminino. Verificou-se que a ordem médica entrou como articuladora desse processo de normalização e, apoiada por saberes advindos principalmente da anatomia e da fisiologia, produziu argumentos com o intuito de converter o corpo da mulher em um objeto de constante preocupação e controle (SILVA, 2011)

O saber médico, na década de 1940, produziu uma série de regras de condutas e formas de pensar específicas. Seus ensinamentos colocavam-se como necessários para todos. Em conjunto, alguns periódicos, como a Revista Brasileira de Educação Física, formaram um eficiente meio de divulgação e propaganda do saber médico para a sociedade, afirmando-o como verdadeiramente responsável por educar, corrigir e curar o corpo. As matérias dessa revista relacionadas às práticas corporais indicadas às mulheres eram sempre assinadas, permeadas e legitimadas pelo saber médico. Estabelecia-se um compilado de “verdades” sobre os corpos femininos, seus usos higiênicos, eugênicos e morais, regulamentando suas ações em todas as esferas da vida. Os médicos permitiram o ingresso das mulheres no universo das práticas corporais, porque viam nele uma ferramenta importante para o desenvolvimento da saúde e da beleza feminina; um instrumento fundamental para o desenvolvimento da maternidade sadia (DALBEN; SOARES, 2008).

Neste trecho da reportagem da década de 1940: “São caracteres fisiológicos da infância a vivacidade dos movimentos, a regeneração dos tecidos e a resistência que opõe às enfermidades” (A EDUCAÇÃO FÍSICA, 1944, p.15), é possível observar a presença de profissionais da saúde dirigindo-se às mães através dos termos e conceitos utilizados por esta área de atuação ao se referir ao cuidado com o estado físico saudável de crianças. Tais características podem ser observadas também em outra reportagem da revista desta mesma década, período de ascensão do movimento higienista no Brasil, através do projeto de nação regido por Getúlio Vargas: “A ausência quase constante de exercícios corretivos de educação física conduz logo a uma precoce anquilose progressiva, isto é, a um endurecimento das articulações [...]” (EXERCÍCIOS DE COMPENSAÇÃO, 1942, p.62). Isto se dá através de conselhos para explicar às mães o impacto da ausência de exercícios específicos de educação física em crianças.

Estas reportagens trazem intrínseco ao seu conteúdo orientações relacionadas aos cuidados de puericultura, o acompanhamento do desenvolvimento infantil, que tinha o corpo social como alvo de ação, implicando, portanto, mudanças de concepções, atitudes e comportamentos. Como a reportagem estava incluída em uma seção que se dirigia às

mães, podemos sublinhar que era pressuposto o desenvolvimento de tal função: cuidar das crianças e educar o corpo através das práticas específicas da educação física, com a orientação médica.

Tais aspectos contribuíram para a formação de hábitos e na moralização dos costumes e comportamentos, quando a ordem, disciplina e higiene pública tornam-se cruciais para o projeto nacional rumo à civilização (SANTOS, 2020). Contudo, podemos constatar através das reportagens que as mulheres eram constantemente convocadas a cumprir os deveres de guardiãs da saúde de sua família. A partir destes “novos” conselhos, Para Freire (2008), utilizar-se da ciência seria o novo papel social da mãe moderna. Sendo assim, as revistas com o público alvo para as mulheres apropriam-se destes pressupostos para publicá-los através dos discursos médicos e ler as revistas tornar-se uma forma de aproximação destas mães com tais conhecimentos.

Consolidava-se assim, na esfera social brasileira, a representação de mulheres que era “mãe-esposa-educadora” construídas nas concepções sociais de moralidade. Esse ideário se prolongou com as ambições políticas e a proliferação de um “discurso ufanista sobre a educação, que colocou nas mãos femininas a responsabilidade de guiar a infância e moralizar os costumes” (ALMEIDA, 2008, p.138).

A concepção de maternidade incorporou cada vez mais atributos de função patriótica e de prática científica, construindo uma representação de que o “ser mãe” era uma “missão divina e um dever social” (FREIRE, 2008, p.157). Assim, eram dados atributos às especificidades biológicas das mulheres como justificativas em defesa da maternidade. O seu descumprimento, por sua vez, era considerado “patologia, pecado ou crime” (FREIRE, 2008, p.158). O próprio título da seção fixa do *JM* “Evangelho das Mães”, remete aos ensinamentos de vias religiosas. Ou seja, às mulheres era dada a capacidade de uma ação moralizadora de manter a unidade da família e da Pátria (ALMEIDA, 2008; FREIRE, 2008).

Estes atributos dados como inerentes ao instinto da natureza “feminina” podem ser associados ao que o *JM* chamou de “natural intuição”, assim, observa-se uma “naturalização” de discursos, que seria entendido como algo inerente da época, sendo conservador e tradicional. Em uma das reportagens analisadas pelo estudo, ao se referirem aos movimentos que seriam indicados às mães para que estas aplicassem a seus filhos, o *JM* trouxe recomendações para os casos em que as crianças possuíam “pernas em arco”: “[...] As mães, por natural intuição de que são dotadas, sabem como fazer seus

filhinhos praticarem movimentos tão simples, os quais muitos beneficiam seu desenvolvimento corporal [...] (PERNAS EM ARCO, 1949, p.73).

Estas orientações eram dadas através de manuais práticos, mas também, podem ser vistas nas revistas, com o intuito de orientar condutas, comportamentos e cuidados higiênicos. Para que todos tivessem acesso, utilizava-se de discursos cujos “modos de fazer” eram descritos de forma clara e acessível para que até os mais humildes conseguissem entendê-los e, com isso, seria mais fácil à abertura nos lares e a adesão convicta dessas ações higiênicas nos cotidianos (STEPHANOU, 1997). Para Milagres et al, “com o higienismo, os estereótipos do gênero feminino eram reforçados pelas linhas teóricas do movimento juntamente com programas criados pelo positivismo” (MILAGRES et al; 2018, p. 165). A base dessa prática parece ter sido o informar para educar.

Este movimento foi baseado em áreas específicas das ciências que tratam da saúde, construídos pela junção do conhecimento científico e os ideais de ufanismo no Brasil. Isto é, a escola e os papéis da mulher-mãe-esposa-educadora, na sociedade e na educação dos corpos através da educação física, estavam ligados por um único propósito: o de criar bons cidadãos para a pátria.

Desta forma, as mães e a educação física seriam ferramentas para se chegar a este fim e deveriam estar alinhados com o que o estado projetava para o futuro do país abrangendo os movimentos militares e higienistas. Sendo assim, foram construídas representações da inerente e natural incumbência higiênica, científica e biológica das mulheres, com base em preceitos conservadores do período.

Segundo Klein (2005), a elas é incumbido ser afetiva, protetora e participativa, ao mesmo tempo a responsabilidade de administrar, organizar e gerenciar a casa e a educação dos filhos. Assim, possuem a atribuição de educar e educar-se constantemente. Portanto, fronteiras entre homens e mulheres de classe média e alta foram delimitadas quanto às suas obrigações sociais em relação ao lar. Nas revistas, a maternidade e a educação dos filhos eram indissociáveis da ideia de ser mulher (PINSKY, 2014). As ações midiáticas analisadas permitiram identificar representações de “educação do corpo” vinculadas com o papel de “ser mãe” naquele período. Isto vai ao encontro do que foi visto nas revistas femininas, como “natural intuição” das mães, ou seja, uma concepção de representação de ser mulher-mãe esposa-educadora na qual está intrínseco no instinto o cuidado, a responsabilidade de cumprir as tarefas domésticas e o compromisso com a participação escolar dos filhos. Em razão de que, eram dadas

atribuições às mulheres, na qual elas tinham por destinação ser “mãe” e “educadora dos filhos da pátria” (ALMEIDA, 2006; BUITONI, 2009).

### *Considerações finais*

Neste trabalho procuramos contemplar o objetivo geral de identificar quais as representações dos deveres maternalistas com a educação física nas revistas femininas *JM* e *O Cruzeiro* no período de 1930 a 1950. A partir da análise das reportagens, em ambas as revistas *JM* e *O Cruzeiro*, podemos inferir que as reportagens eram direcionadas para as mães e que o dever social apontado era realizar esta função concedida socialmente como uma missão divina. Outros deveres sociais identificados nestes arquivos históricos apontam que as mães deveriam ser as responsáveis pelo ensino de pureza e amor, professoras na educação escolar, pedagogas, cuidadoras do lar, esposas, guias da infância, reprodutoras de bons costumes e dotadas de natural intuição para o cuidado dos filhos.

As revistas manifestaram conceitos específicos de Educação Física. Dentre estes, enquanto disciplina curricular, na qual possui duas grandes finalidades: saúde e aperfeiçoamentos morais. Estes princípios estão diretamente vinculados ao projeto de Nação no Brasil durante o século XX e ao movimento Higienista. Porém, quando direcionado o discurso para as mulheres (público-alvo das revistas), as representações de Educação Física se voltam para a função de exercer a maternidade. O que corrobora com estereótipos de feminilidade do período, nas quais, foram construídas representações da inerente e natural incumbência biológica das mulheres, com base em discursos conservadores do período.

Além disto, as sessões das reportagens do *JM* tinham como títulos “Evangelho das Mães”, que nos remete ao controle e poder da Igreja sobre a educação e ao processo civilizador e moralizador que a sociedade brasileira estava passando. Era comum também o título “As mães não devem esquecer”, que nos levam a questionar quais eram os papéis de responsabilidades dos pais em relação aos filhos no seu desenvolvimento. Em outras palavras, ao ser criada uma representação de “ser mãe” é também criada, nas ausências, uma representação do “ser pai”. Estes questionamentos sobre como se construiu neste período estas representações nos permite identificar concepções estabelecidas em diferentes tempos e contextos socioculturais.

Portanto, através deste estudo, podemos concluir que não foi de forma natural que se atribuiu às mulheres tais representações. A sociedade construiu e segue reconstruindo culturalmente a sua própria identidade ao longo do tempo, e estabelece em suas estruturas os padrões sociais. Neste caso, a naturalização da maternidade como algo compulsório e uma missão divina para as mulheres foi para contemplar o propósito governamental de criar bons cidadãos para a pátria como um projeto de futuro do país. É pertinente notar como esses arquivos históricos disseminaram um pensamento vigente na época sobre a autoridade médica, a definição sobre o que era considerado feminino e de como deveria ser a educação dos corpos. A função da mulher foi determinada por discursos que fizeram das revistas participantes ativos no processo de construção da realidade.

Compreendemos também que, à medida com que a sociedade foi se transformando, seja através das leis ou das ampliações científicas, os papéis da Educação Física e das mulheres também foram sendo modificados. Este movimento configurou-se enquanto uma via de mão dupla, na qual os dois fenômenos se influenciaram na construção de suas respectivas representações.

Cabe ressaltar que o jornalismo produzido por meio das revistas era prioritariamente escrito por médicos, considerados atores sociais protagonistas e referências naquela época, além da própria direção das revistas serem compostas majoritariamente por homens. Apesar de não considerarmos esse discurso jornalístico como único fator isolado de reprodução dessas estruturas sociais dominantes, o entendemos como uma atribuição determinante no contexto de definição do que deveria estar entre as funções das mães na época.

Em vista dos fatos apresentados, retoma-se a elaboração dos artigos assinados por médicos, ou seja, uma correlação entre representações de conhecimento científico que foram transferidas para as mães por meio de revistas femininas. Os artigos das revistas visavam disseminar informações técnicas sobre a fisiologia infantil corroborando com o ideário da maternidade. Os periódicos consideravam uma função predeterminada das mulheres, a de ser mãe, por meio de reportagens vinculadas à educação do corpo e de como a mãe deveria atuar além dos ensinamentos da escola, recebendo uma função a mais, a de responsável pela educação do corpo da criança na extensão do espaço escolar.

Identificados os deveres atribuídos às mães e tecemos a crítica da responsabilidade materna entendida como única e não compartilhada com a família, assim como a ligação do “ser feminino” totalmente atrelada com a função de ser mãe. Os

arquivos históricos permitiram o vislumbre de uma realidade que julgamos não estar tão distante dos dias atuais e que carece de críticas quanto a estruturas sociais que insistem em distribuir papéis e atribuições sem considerar a possibilidade de escolha das mulheres. Ser mãe é uma missão divina? Ser mãe é uma função social? Como se construiu esse ideário de maternidade? É somente a mãe a única que deve ser responsável pela educação e formação dos filhos? O quanto os arquivos históricos como as revistas femininas podem interferir na construção de um pensamento social? Essas são perguntas que começaram a ser respondidas aqui e que podem pautar estudos futuros para compreender ainda mais as posições oferecidas a mulher na sociedade.

### Referências bibliográficas:

A EDUCAÇÃO FÍSICA, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 6.01.1944, p.15.

AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 3.11.1949, p.17.

AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER QUE, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 11/11/1943, p.92.

AS CRIANÇAS E A NATAÇÃO, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 1.1.1942, p.61.

AS MÃES DE FAMÍLIA NÃO DEVEM ESQUECER, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 18.11.1943, p.17.

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de; LEÃO, Andréa Borges. *Jornal das Moças: Leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*. 2008. 261 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008.

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. *Revistas femininas e educação da mulher: o Jornal das Moças*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2006. 08 jan. 2014.

ALMEIDA, Jane Soares de. A destinação das mulheres para educar meninos e meninas: como são construídos os paradoxos históricos. *Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos*, São Paulo, v. 11, n. 18, p.136-148. jun-dez. 2018.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos. *Vozes & Diálogo*. v. 14. n. 02, jul./dez, Itajaí, 2015.

BARBOSA, Amélia Aparecida. *A imagem da criança na propaganda da década de 1950*. 2005. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Uberlândia-MG, Uberlândia, 2005.

BARROS, José D'assunção. *Fontes Históricas: introdução ao seu uso historiográfico*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

BACELLAR, Carlos de A. P. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

BATISTA, Priscila Dieguez Alves. *Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os anos dourados: um olhar através do jornal das moças*. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 237 f. 2019.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Vozes, 1985.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registro e 'estórias': explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Florianópolis: Insular, 2016.

BRASIL. Constituição (1961). Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. *Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional*. 1. ed. Brasília, DF, 20 dez. 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 4 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1996). Lei nº 9.394. *Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. Disponível em: [http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_2ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf) f. Acesso em: 4 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1971). Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. *Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional*. 2. ed. Brasília, DF, 11 ago. 1971. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei5692-71>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Constituição (1932). Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. . Brasília, DF, 24 fev. 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/19301939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 set. 2019.

BRASIL. Constituição (1931). Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931. . Brasília, DF, Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>>. Acesso em: 10 maio 2018.

CASTRO, Celso. In corpore sano - os militares e a introdução da educação física no Brasil. *Fundação Getúlio Vargas*, Rio de Janeiro, n. 2, p.1-24, 1997.

CAMARGO, Julieta Furtado; WERLE, Verônica; SARAIVA, Maria do Carmo. *História das mulheres nos esportes e na educação física: mapeando produções*

*científicas – de 2000 a 2008*. Fazendo Gênero, Florianópolis, v. 10, n. 5, p. 1-8, 26 ago. 2010.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Maria Emília , Mena Matos, Paula , Barbosa, Maria Raquel. Um olhar sobre o corpo: ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*. 2011, 23(1), 24-34. ISSN: 0102-7182. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326567001>.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CULTURAS..., *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 11.11.1940, p.18.

DALBEN, A.; SOARES, C.L. A revista Vida e Saúde: modos de olhar e educar o corpo feminino em suas páginas (1940-1950). *Pensar a Prática*. Goiânia, v.11, n.3, p.239-50, 2008.

DIAS, Carolina. *Histórias do Instituto de Cultura Física de Porto Alegre (1928-1937)*. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DIA DAS MÃES, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 1.5.1958, p. 61

DUMONT, Lígia Maria Moreira. *O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances em série*. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação da UFRJ/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, 1998.

DOS SANTOS, Marinês Ribeiro; MANNALA, Thaís. Modernidade e visualidade no projeto editorial da revista O Cruzeiro (1928-1945). *Visualidades*, v. 11, n. 1, 2013.

EVANGELHO, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 18.6.1959, p.20.

EXERCÍCIOS DE COMPENSAÇÃO, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 15.01.1942, p.62.

EXPEDIENTE EMPRESA JORNAL DAS MOÇAS, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 4/01/1940, ed. 01281, p. 4

EXPEDIENTE, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 15.8.1915, p.1

FIGUEIREDO, Anna Cristina Moraes. *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964)*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas* (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (Doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médico e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, p.153-171, jun. 2008.

FREITAS, AF. et al. O futebol no jornal das moças: as aproximações e os distanciamentos das mulheres. *Corpoconsciência*, Cuiabá. v. 23, n. 2, p; 63-74, 2019.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Georges Demeny e Fernando de Azevedo: uma ginástica científica e sem excessos (Brasil, França, 1900-1930). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 2, n. 37, p.144-150, 5 mar. 2015.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; SILVA, Leonardo Mattos da Motta. Educação do corpo e higiene escolar na imprensa do Rio de Janeiro (1930-1939). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 411-426, maio 2016.

GOMES, Christianne Luce. LAZER: NECESSIDADE HUMANA E DIMENSÃO DA CULTURA. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, abr. 2014.

HALL, Stuart et. al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'*. Florianópolis: Insular, 2016.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, 21.5.1914, p.1

KLEIN, Carin. A Educação de Mulheres Como Mães e Professoras no Programa Nacional Bolsa-Escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p.223-251, jan. 2005.

MACHADO, Vitória Almeida. Modas e Bordados e Jornal das Moças: revistas femininas a partir de Bourdieu. In: MARTINS, Luis Carlos dos Passos, organizador. *Pensar a História com e além de Bourdieu: experiências de pesquisa*. p. 54-65, 2017.

MACHADO, Vitória Almeida. *Para além de bordadeiras: a representação feminina nos periódicos jornal das moças e modas e bordados durante os estados novos (1937-1945)*. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Escola de Humanidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MARÍA LAURA OSTA VÁZQUEZ. *Seminário Internacional da História do Tempo Presente*. Florianópolis: Anpuh-sc, p. 15, 2011. Disponível em: <<http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/303/224>>. Acesso em: 7 out. 2019

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom*. v. 39. n. 1. p. 39-56. São Paulo, 2016.

MATHIAS, Milena Bushatsky; RUBIO, Kátia. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* [online]. 2010, v. 24, n. 2 [Acessado 20 Maio 2022] , pp. 275-284. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000200010>>. Epub 16 Nov 2011. ISSN 1981-4690. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000200010>.

MILAGRES, Pedro; SILVA, Carolina Fernandes da; KOWALSKI, Marizabel. O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 160-176, jun. 2018.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'*. Florianópolis: Insular, 2016.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO FÍSICA, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 16.12.1948, p.18

OLIVEIRA, Nathalia Paulino; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo documental a partir das revistas Fon-Fon e *Jornal das Moças*. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 33-60, jun. 2016.

OS COMPLEXOS DE INFERIORIDADE, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro. 25.03.1944, p.72.

PERNAS EM ARCO, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro. 11.08.1949, p.73.

PESAVENTO, S. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PICCOLOTTO, Letícia. *Os desafios de equilibrar cuidados com os filhos, quarentena e home office*, Claudia, 2.04.2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/estilo-devida/os-desafios-de-equilibrar-cuidados-com-os-filhos-quarentena-e-home-office/>. Acesso em: 6 ago 2020.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: Seu uso numa pesquisa Historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, novembro/ 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi* (Rio de Janeiro) , v. 12, n. 22, pp. 270-283, 2011. ISSN 2237-101X. <https://doi.org/10.1590/2237-101X012022015>.

- RAGO, M. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA*. Rio de Janeiro: Comitê Nacional Instituto Pan-americano de Educação Física, ano 1, n.2, jan. 1944.
- RIBEIRO, Tendências atuais na educação da Criança, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 18.12.1952, p.12.
- SANGIRARDI, Helena; No mundo da criança, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 11.03.1944, p.76.
- SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.
- SANTOS, Beatriz Oliveira; GERMANO, Idilva Maria Pires. Regulação do corpo feminino no almanaque de farmácia d'A Saude da Mulher. *Revista Estudos Feministas [online]*. 2020, v. 28, n. 1 [Acessado 20 Maio 2022], e57854. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n157854>>. Epub 15 Maio 2020. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n157854>.
- SERPA, Leoní. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928 – 1945)*. 2003. Dissertação (Mestrado) - Curso do Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2003.
- SERPA, Leoní. *Modernidade, mulher, imprensa: a revista O Cruzeiro no Brasil de 1928-1945*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2017.
- SERVIÇO UTIL, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 15.02.1945, p.14.
- SILVA, Marcelo Moraes; FONTOUR, Mariana Purcote. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [online]*. 2011, v. 25, n. 2 [Acessado 20 Maio 2022], pp. 263-275. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200008>>. Epub 25 Jul 2011. ISSN 1981-4690. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200008>.
- SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Representações visuais da mulher leitora: notas sobre as transmutações de uma prática cultural. *Intexto*, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 421-455, dez. 2015.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, 16(2):71-99, 1995.
- SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física: raízes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1994. (Coleção educação contemporânea).
- SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.15, p.97-117. novdez. 2000.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa e História das Mulheres e das relações de gênero. In: Revista Brasileira de História. Dossiê História e gênero. São Paulo; ANPUH, v. 27, n. 54, Julh-dez, 2007, pp.281-300  
SPAVIÈR, Aracy M. Você e seu lar. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro, 7/01/1960, ed. 02325, p.14.

SOIHET, R., & Costa, S. G. (2008). *Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero*. Gragoatá, 13(25). Recuperado de <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33140>

THOMAS, Jerry R; NELSON, Jack. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, p, 462, 2012. Tradução: Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Florianópolis: Insular, 2016.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos quantitativos e qualitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 3, n. 39, p.507514, 5 abr. 2005..pdf. Acesso em: 1 maio 2019.

UMA VIAGEM ATRAVÉS DO CRUZEIRO. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 26.11.1953, p. 33.

UM EXEMPLO A SER IMITADO, *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 27.4.1944, p.16.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. *Pro-posições*, São Paulo, v. 14, n. 2, p.21-29, maio 2003.

MILAGRES, Pedro; SILVA, Carolina Fernandes da; KAWALSKI, Marizabel. *O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos*. Motrivivência, Florianópolis/SC, v. 30, n. 54, p. 160-176, 2018.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Sobre História e Historiografia das Mulheres*. Caderno Espaço Feminino, 31(1), 2018. <https://doi.org/10.14393/CEF-v31n1-2018-8>.

---

<sup>1</sup> Dentro da categoria Mulher, é necessário entender as múltiplas diferenças. Não existe uma única Mulher, por isso, foi criada a categoria Mulheres, na qual estão representadas não apenas as mulheres brancas ricas ou das camadas populares, mas mulheres negras, indígenas, mestiças, pobres, trabalhadoras, que não se sentiam representadas na categoria universal de Mulher (GIANLUPPI, 2021).

<sup>2</sup> A revista *Jornal das Moças* será citada com a abreviação *JM* ao decorrer do texto.

<sup>3</sup> No recorte escolhido para pesquisa, podemos observar essas mudanças principalmente no ano de 1950. A revista custava Cr\$ 3,00, e no ano de 1959, o preço da revista salta para de Cr\$ 15,00.

Artigo recebido em 18 de fevereiro de 2022.

Aceito para publicação em 24 de maio de 2022.